

“SATISFAÇÃO, NECESSIDADE E DESEJO”: CONVERSAS COM CORPOS DESEJANTES SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

“SATISFACTION, NEEDS AND DESIRE”: CONVERSATIONS WITH DESIRING BODIES ABOUT SEXUALITY IN SCIENCE EDUCATION

Mônica Santana Fontes*
Franklin Kaic Dutra-Pereira**
Michele Bortolai***

RESUMO

Com e no intuito de (re)pensar a docência na Educação Básica, esta pesquisa, aprovada no Comitê de Ética, CAAE 30741120.6.0000.0056, tem por objetivo analisar as concepções de sexualidade dos/as estudantes do ensino médio em uma escola pública na Bahia. Justifica-se pela necessidade de escutar e identificar os conhecimentos dos estudantes sobre sexualidade, desmistificando concepções que estereotipam, discriminam e reforçam preconceitos. Utilizando abordagem qualitativa de estudo de caso, para produção dos dados, foram realizadas conversas durante aulas de Biologia e Filosofia, questionários via Google Forms e produções textuais. A análise dos dados foi interpretativa, revelando a superficialidade sobre sexualidade, justificando a necessidade de renovação e de medidas como trabalhos interdisciplinares e formação docente na temática “sexualidade”, ressignificando, ampliando, incluindo e transversalizando com outras disciplinas para uma melhor efetivação do tema e compreensão. Conclui-se que os cursos de formação docente devem (re)elaborar estratégias para que os profissionais da educação tenham conhecimentos para lidar com as temáticas emergentes da sexualidade humana.

Palavras-chave: Sexualidade. Concepções dos estudantes. Estudo de caso.

ABSTRACT

With and in order to (re)think teaching in Basic Education, this research, approved by the Ethics Committee, CAAE 30741120.6.0000.0056, aims to analyze the conceptions of sexuality of high school students in a public school in Bahia. It is justified by the need to listen to and identify students' knowledge about sexuality, demystifying conceptions that stereotype, discriminate and reinforce prejudices. Using a qualitative case study approach, for data production, conversations were held during Biology and Philosophy classes, questionnaires via Google Forms and textual productions. The analysis of the data was interpretative, revealing the superficiality of sexuality, justifying the need for renewal and measures such as interdisciplinary work and teacher training on the theme "sexuality", resignifying, expanding, including and transversalizing with other disciplines for a better effectiveness of the theme and

* Pós-graduanda, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, Bahia, Brasil. eE-mail: monyfontes@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3011-1442>

** Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>

*** Doutora em Ensino de Ciências, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, Bahia, Brasil. E-mail: michelemb@ufrb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9837-7062>



understanding. It is concluded that teacher training courses should (re)elaborate strategies so that education professionals have knowledge to deal with the emerging themes of human sexuality.

Keywords: Sexuality. Students' conceptions. Case Studies.

1 INTRODUÇÃO

“É a satisfação da necessidade e o desejo sexual”... O título deste artigo retoma uma concepção apresentada por um estudante quando questionado sobre a concepção de sexualidade. Sua resposta nos traz indícios para (re)pensar a docência e as práticas para uma educação sexual na educação em ciências, e como os corpos desejantes, em sua fase de liberdade corporal podem viver seus desejos pulsantes, que é natural e vital. Evidentemente, diversos (des)entendimentos são possíveis nas conversas com jovens e adolescentes que estão inseridos no contexto escolar.

Defendemos, portanto, a necessidade de conversar, enquanto metodologia de pesquisa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), sobre sexualidade e outras temáticas que dela se discorre, enquanto atos políticos e de resistência, sobretudo no contexto brasileiro, assumidamente neoconservador, onde há um caminho para silenciamentos, invisibilidades, difusão de constrangimentos e reforço aos estereótipos *cisheteropatriarcaisnormativos*, defendidos e ampliados pela extrema direita que chegou ao poder em 2019.

Considerando os possíveis caminhos na Educação em Ciências, enquanto área de conhecimento que deve se debruçar sobre as temáticas voltadas a gênero, sexualidade e valorização da diferença, esta pesquisa foi desenvolvida durante a participação dos autores no curso de Especialização em Ensino de Ciências - Anos finais do Ensino Fundamental “Ciência é 10!”, promovido pelo Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB) em colaboração com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), durante a pandemia de COVID-19.

Mediante nossas vivências enquanto docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, e enquanto pesquisadores/as, orientadores/as e supervisores/as de Estágio, observamos que o Ensino de Ciências, muitas vezes, é realizado por meio de exposições orais pelos docentes, e que os estudantes, como meros espectadores, recebem essas informações e as reproduzem

sem nenhuma reflexão. Por outro lado, também percebemos que aulas ministradas de forma mais dinâmica e interativa proporcionam maior participação dos estudantes.

No que se refere a esta pesquisa, percebemos que quando as aulas da professora-pesquisadora estavam relacionadas à temática reprodução humana e sexualidade, os/as estudantes se interessavam em participar, mas apresentavam certos risos tímidos, silêncios e brincadeiras. Muitos se constrangiam em conhecer seu corpo, e até mesmo seus olhares traziam sentimentos confusos. A cada aula que acompanhamos com apresentação de vídeos, realização de dinâmicas, diálogos e variados tipos de interações, compreendíamos que os olhares atentos dos estudantes se confirmavam em suas vozes: “vamos aprender sobre sexo?”; “não sabia que era assim!”.

Por meio da interação com os/as alunos/as, mesmo que de modo remoto – a frente falaremos sobre isso –, testemunhamos que muitos não tinham conhecimento sobre as mudanças do corpo durante a puberdade. Circunstância precedida pela ausência de discussões, acarretando distorções acerca do conhecimento do corpo, da saúde sexual, sexo, namoro, cuidados e/ou prevenções. Entendemos, neste momento, mesmo no contexto da pandemia de Covid-19, a importância de discussões mais aprofundadas nas aulas de Ciências, pois concepções equivocadas podem levar ao surgimento de estereótipos sobre sexualidade entre os estudantes.

Toda essa convivência e troca de experiências em sala de aula nos levou a desenvolver esta pesquisa, com o objetivo de investigar e compreender as concepções de estudantes do Ensino Médio acerca da sexualidade. A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada no interior do estado da Bahia, local em que a professora-pesquisadora lecionava o componente Curricular de Filosofia, apesar de sua formação inicial na graduação ser em Biologia.

2 OS DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Os discursos sobre sexualidade no ambiente escolar, sobretudo na Educação em Ciências, vêm se diferenciando ao longo dos tempos. Tal fato pode gerar múltiplas significações entre os estudantes, produzindo estereótipos que divergem de seus conceitos e do sentido real da educação sexual. A sexualidade sempre foi objeto de enigmas e alvoroços em sala de aula, afinal, o que é sexo, o que é sexualidade? Estas são perguntas que muitas vezes provocam



grandes discussões ou silêncio absoluto em sala de aula. É nesta fase da vida, na juventude sobretudo, que o anseio por esse conhecimento está envolvido no processo de amadurecimento e, por isso, devemos responder com clareza e objetividade às curiosidades dos adolescentes e jovens a respeito do conhecimento sobre o próprio corpo, para que esse aprendizado não aconteça de forma equivocada.

Diversos estudos demonstram que ao se construir esse diálogo sobre a sexualidade evidencia-se comportamentos como constrangimento e retraimento. Porsche, Kleiman e Lima (2015) afirmam que crianças, adolescentes e jovens conferem à sexualidade um sentimento de algo proibido, imoral e promíscuo, dificultando o diálogo sobre sexo em sala de aula ou mesmo em suas casas com suas famílias. Essa formação cultural na qual estamos inseridos desde o contexto familiar até a escola distorce esse conhecimento, criando paradigmas acerca do entendimento sobre o corpo e obscurecendo tais discussões por ser considerada como “imprópria” no meio familiar ou escolar.

Entretanto, é evidente que esses conflitos chegam até a sala de aula, local em que as discussões sobre sexualidade podem gerar polêmica e acanhamento, quando atreladas ao modo conservador e patriarcal com que as famílias, ocasionalmente, abordam em suas conversas sexo e sexualidade na fase de descoberta do corpo e do acesso às informações. Por isso, é comum o crédito de que essa discussão no ambiente escolar possa influenciar ou constranger os estudantes (LOURO, 2000).

Outro fator que torna o tema polêmico é a discussão escolar realizada somente por professores de Ciências ou Biologia, com alusões não mais que à saúde reprodutiva e à aspectos biológicos, sem expandir as reflexões educacionais ao contexto sexualidade ou gênero, de forma sociocultural e interacional (POESRSCH; KLIEMANN; LIMA, 2015), reforçando assim, as premissas conservadoras e biologizantes.

Além das aulas de Biologia do Ensino Médio enfatizarem o caráter biológico da sexualidade, temos que nas aulas de Ciências do Ensino Fundamental, as temáticas mais mencionadas são as Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez na adolescência e órgãos reprodutores masculino e feminino (BRASIL, 2018). Percebemos que os docentes desses componentes curriculares apresentam certa dificuldade em iniciar esse diálogo com os alunos, o que contribui para a perpetuação conservadora da educação sexual, sem avanços nas discussões sobre sexo e conhecimento corporal. Tal fato reafirma o receio pelo conhecimento e

externaliza o medo sobre questões naturais. Devemos também ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente custosa para professores, uma vez que são pertencentes a uma cultura carregada de equívocos e conservadorismo e, nem sempre, se sentem disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade (MOIZÉS; BUENO, 2008).

Silva (2014, p. 14) afirma que as escolas estão buscando alternativas entre as novas estratégias de ensino para transcender esta situação, inserindo em suas propostas curriculares temas como “[...] sexualidade e gênero, visto o aumento de adolescentes infectados por doenças sexualmente transmissíveis e os casos de gravidez precoce.” Essa apreensão se estabelece no entorno de questões como: “De que modo o professor dialoga com os alunos e os orienta para uma Educação Sexual?. As propostas pedagógicas e os próprios professores estão preparados para determinadas argumentações sobre sexualidade com seus alunos?. Essas discussões deveriam ter como alvo levar maiores informações aos alunos e estimular o pensamento crítico e a reflexão (ALMEIDA, 2008).

Jardim e Brêtas (2005) afirmam que as escolas somente podem contribuir com a educação sexual dos adolescentes e jovens no momento que estão na escola, desenvolvendo projetos ou programas. Contudo, é necessário que haja interação entre a família e a escola para que esse movimento reafirme o desempenho dos familiares sobre a compreensão dos jovens e adolescentes acerca da própria sexualidade. Em outras palavras, a interação familiar e escolar é fundamental para que o entendimento sobre a sexualidade não se torne alvo da dicotomia imparcial e sim uma temática de abordagem acessível a todos.

Um estudo realizado por Arpini (2012, p. 928), com 15 adolescentes do sexo feminino, com idades entre 13 e 16 anos, de duas instituições localizadas no interior do Rio Grande do Sul, apresentou como resultado que a maior parte das adolescentes afirmam: “[...] que tanto elas quanto os pais sentem vergonha de conversar sobre questões referentes à sexualidade”, talvez pelo fato de que eles próprios não tenham tido esse tipo de conversa com seus parentes, o que poderia dificultar que eles tenham um diálogo aberto e franco com seus filhos.

Tal pensamento remete à confirmação de que a ausência de diálogo no âmbito familiar, deixando que a própria vida adulta ensine ou que esse encargo fique com as escolas ou convivência extraescolar, resulta em concepções estereotipadas em torno da sexualidade. Nesse sentido, é que Silva (2016) e Moizés e Bueno (2008) falam que a realização de projetos



sobre sexualidade no âmbito escolar contribui para a desmistificação de tabus, aumentando o conhecimento do que pode vir a ser a sexualidade.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LÜDKE; ANDRÉ, 1986) fundamenta-se em procedimentos aplicáveis na pesquisa de campo para atingir o objetivo proposto. Foi realizada em outubro de 2021, em meio ao Ensino Remoto Emergencial ao qual as escolas foram submetidas, em virtude da obrigatoriedade do distanciamento físico e conforme orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), emitida em 28 de abril de 2020, aprovando as Diretrizes para conduzir as escolas da Educação Básica e Instituições de Ensino Superior durante a pandemia da COVID-19 (Brasil, 2020).

Os alunos participantes da pesquisa tinham idades variando entre 17 e 20 anos. Todos foram orientados sobre a intencionalidade da pesquisa. Os alunos maiores de 18 anos e os responsáveis pelos menores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); os estudantes menores de 18 anos assinaram, além do TCLE, o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE). O anonimato foi assegurado, omitindo seus nomes verdadeiros, conforme projeto aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com CAAE 30741120.6.0000.0056. Assim, participaram da pesquisa 28 alunos. A figura 1 apresenta um esquema representativo de como constituímos a investigação.

Figura 1 - Representação esquemática da realização da pesquisa.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A primeira etapa da pesquisa foi realizada virtualmente, através do Google Meet, considerando o impacto da pandemia de Covid-19 para a região da Bahia (DUTRA-PEREIRA; LIMA; BORTOLAI, 2020). Iniciamos a conversa com os estudantes no intuito de escutar e identificar os seus conhecimentos acerca do que é e como vivenciam a sexualidade. Essa ação foi realizada com o objetivo de desmistificar as concepções que estereotipam, inferiorizam e discriminam as discussões sobre sexualidade nas salas de aula da Educação Básica e também compreender por que se diz que sexualidade é uma construção histórica e cultural.

Ainda em nossas conversas sobre sexualidade e com o retorno das aulas presenciais, considerando a imposição do estado da Bahia, mesmo quando vidas estão sendo dizimadas por falta da vacina e das artimanhas perversas do bolsonarismo e do neoconservadorismo (OLIVEIRA; SÜSSEKIND, 2019), abordamos nas discussões, em sala de aula, e articulando os protocolos de biossegurança da universidade, as seguintes temáticas: reprodução sexual, sistema reprodutor, sexo e gênero, através da dinâmica “A Visita do ET” (vide Quadro 1).

Quadro 1 - Dinâmica: a visita do E.T.

| |
|---|
| <p>Objetivo: Levantar questionamentos relativos à sexualidade, desvinculados de um contexto sociocultural.</p> <p>O que você irá precisar: Sala ampla, 5 cartolinas, 5 pincéis atômicos, fita crepe, adereço para cabeça.</p> <p>O que você deverá fazer:</p> <ol style="list-style-type: none">1 - O facilitador pedirá a todos que caminhem pela sala.2 - Ele avisará que chegaram E.T.s na Terra e gostariam muito de saber sobre a sexualidade dos humanos.3 - O facilitador comentará que apareceram 5 jornalistas para conversar com os E.T.s e colocará crachás com a inscrição "Imprensa" em 5 participantes.4 - Em seguida, o facilitador pedirá que se formem 5 grupos de E.T.s, com 1 jornalista em cada grupo, sentados no chão.5 - Esses 5 jornalistas irão registrar as perguntas que os E.T.s fizerem sobre a sexualidade dos terráqueos.6 - Para cada grupo, serão dados 1 cartolina e 1 pincel atômico; e o(a) jornalista anotará os itens mais interessantes perguntados pelos E.T.s e irá procurar respondê-los.7- Antes de finalizar, o facilitador perguntará se as expectativas dos E.T.s foram atendidas e pedirá aos jornalistas que fixem a matéria da reportagem (as cartolinas) na parede e que os questionamentos sejam inseridos na “Caixinha Mágica” para realização de um debate com todos os grupos <p>Pontos para discussão:</p> <ol style="list-style-type: none">a) Refletir se é fácil ou não falar sobre sexualidade.b) Por que é fácil para algumas pessoas e difícil para outras?c) Com quem os adolescentes se sentem mais à vontade para conversar sobre sexualidade? Resultado esperado: Ter possibilitado a verbalização de fantasias e assuntos desprovidos das “amarras sociais”, isto é, de preconceitos, estigmas, estereótipos e credices. |
|---|

Fonte: Dadaptado de Brasil (2000, p. 23)

Por fim, solicitamos aos estudantes a elaboração de um texto para exporem suas ideias relacionadas ao tema, a partir da seguinte explicação: “A partir do material utilizado em sala de



aula e com base nos conhecimentos adquiridos sobre o tema sexualidade, redija um pequeno texto dissertativo-argumentativo sobre o tema ‘Os desafios da sexualidade na adolescência no âmbito escolar.’ Selecione, organize e relacione de maneira coerente e coesa argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista”. O objetivo da atividade foi possibilitar aos estudantes um momento de reflexão sobre a importância de discussões acerca da sexualidade dos adolescentes e jovens.

A análise dos dados foi organizada conforme proposto por Freitas (2007), a partir da abordagem interpretativista. Analisamos e interpretamos a significação dos textos escritos dos estudantes e de suas falas durante as discussões, o que nos permitiu identificar características que estão por trás do conteúdo, fazendo inferências a partir de nossas vivências e à luz do referencial teórico. Assim, constituímos diferentes campos de análise sobre a compreensão de sexualidade na Educação Básica.

A apresentação dos resultados traz na primeira seção elementos referidos pelos estudantes e professora-pesquisadora para a compreensão da concepção de sexualidade. Depois, apresentamos os posicionamentos dos estudantes participantes durante sua participação na dinâmica da “Visita do E. T.”. Para finalizar, a última seção da discussão dos resultados aborda elementos do texto dissertativo-argumentativo solicitado pela professora-pesquisadora e elaborados pelos discentes para “Os desafios da sexualidade na adolescência no âmbito escolar”.

4 REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

No cotidiano escolar, os alunos atribuem ao tema “sexualidade” uma conotação sexual, no que tange ao ato sexual propriamente dito (CAETANO; LIMA; CASTRO, 2019). Essa visão os leva a minimizarem a compreensão de sexualidade somente a aspectos físicos, como os órgãos reprodutores e o corpo. Tal inferência pode ser feita a partir das observações baseadas nas falas dos estudantes durante a conversa inicial sobre suas compreensões sobre sexualidade e como a vivenciam (Quadro 2).

Quadro 2 - Compreensão dos estudantes acerca do que é sexualidade

É algo relacionado a sexo.
É tudo aquilo que envolve o sexo seja pra (*sic*) órgão genital ou relação sexual.
Nunca parei para pensar sobre o que é sexualidade para mim, mas acredito que seja um pouco de cada coisa, porém acho que tem mais a ver com gênero ou sexo mesmo.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

É notório que a concepção estereotipada dos alunos sobre sexualidade está endossada aos conceitos biológicos. Nas palavras de Moizés e Bueno (2010, p. 1) “a sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, é universal e, ao mesmo tempo, singular para cada indivíduo, envolve aspectos individuais, sociais e culturais que carregam historicidade, práticas, atitudes e simbolizações.” Dessa representação, trazida pelos estudantes durante a discussão, os questionamos quanto às suas dúvidas relativas à sexualidade. Observamos que a maioria dos alunos afirma ter dúvidas. Identificamos que é abrangente a distorção feita por eles. Ao mesmo tempo que dizem possuir algum tipo de conhecimento, afirmam também que não sabem. Mesmo com acesso às mídias, a compreensão pelo significado da sexualidade é conflituosa.

Percebemos, ainda, durante as discussões sobre a sexualidade em sala de aula, quando iniciada pelo docente, acaba por ser mal-recebida pelo alunado, seja por fatores como a imaturidade ou pela disparidade do que é visto no seio familiar em contraste com a escola (Quadro 3).

Quadro 3 - Discursos dos estudantes ao mencionarem a participação dos professores nas discussões sobre sexualidade

A maioria dos professores que já tive demonstraram muita vergonha e desinteresse em tratar desse assunto [...].
Sim, mas interrompido, por muitas vezes ter pessoas presente em sala de aula que não tem maturidade suficiente para debater o tema, tendo conseqüentemente o uso desse assunto para brincadeiras e até mesmo falar para a família de forma totalmente oposta do que realmente é o assunto em sala de aula.
É notório as dificuldades enfrentadas por nós alunos na fase da adolescência, ainda mais quando se trata de sexualidade, já que a grande maioria de nós não tem conhecimento sobre o tema. Quando a sexualidade não é ensinada em casa ou na escola devido os desinteresses dos professores em geral os desafios só aparecem com mais força, pois deixa o adolescente carente perante as informações básicas sobre o assunto.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os discursos dos estudantes confirmam que, eventualmente, o tema é abordado pelos professores no ambiente escolar, mas que também se sentem confortáveis em buscar por informações em outros campos, pois, na maioria das vezes, a abordagem sobre sexualidade em sala de aula fica restrita às questões que se referem a reprodução sexual, gravidez e doenças



sexualmente transmissíveis (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018). Apesar de parte dos alunos se sentirem confortáveis com a discussão, não a consideraram útil para o seu aprendizado escolar. Concordamos com Oliveira (2018, p. 18) quando diz que:

[...] é necessário que o professor trate o tema de forma espontânea, transmitindo confiança na relação entre ele e o aluno, devendo compreender que a sexualidade é algo cotidiano na vida do estudante para que ambos construam o conhecimento juntos.

Essa relação tem que ser espontânea, para com isso sensibilizar e conscientizar sobre o cuidado do corpo, emoções, transformações e proporcionar conhecimentos sobre saúde sexual.

Também indagamos aos estudantes sobre quem gostariam que tirassem suas dúvidas sobre sexualidade na escola. Um total de 13 alunos responderam que preferiam professores ou palestrantes da saúde e alguns poucos responderam preferir que a discussão fosse encaminhada pela direção e amigos. Os estudantes demonstraram interesse para que a temática fosse discutida em sala e na escola com palestras e debates, sanando suas dúvidas sobre a sexualidade. Assim, pensamos ser importante um trabalho com equipes interdisciplinares, sobretudo, com discussões pautadas na retroalimentação de um currículo escolar que valorize a diversidade sexual, o corpo, as emoções, o sexo, o gênero, dentre tantos outros componentes que surgem quando a conversa é sobre sexualidade.

Outro questionamento que surgiu durante nossa discussão foram as formas de obtenção acerca das primeiras informações sobre sexualidade, orientação sexual, corpo e as suas reações sobre sexo. A maioria dos estudantes afirmou recorrer à internet, redes sociais e à mídia ou mesmo aos amigos para os primeiros esclarecimentos e somente depois recorrerem aos familiares e à escola. Como asseguram Jardim e Brêtas (2006, p. 158): “[...] a sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação [...] que tem influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações, em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade”.

Isso confirma que a ausência de informações, sobretudo na escola, pode levar os estudante à formação de suas ideias de forma equivocada, fazendo surgir e disseminar os estereótipos, os preconceitos, os medos, os receios, etc. Segundo Cano, Ferriani e Gomes

(2000, p. 5), a questão da sexualidade “[...] deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que [...] tenham responsabilidade, autoestima e pratiquem sexo com segurança.”

A discussão sobre sexualidade sempre é adiada pelos pais e familiares até chegar na fase adulta, pois acreditam que deve se manter a pureza e a inocência, tanto das crianças quanto dos adolescentes, para que não haja o despertar que culmine em uma gravidez indesejada ou uma vida sexual precoce e cheia de frustrações (LOURO, 2000), sobretudo em tempos de tecnologias, de redes sociais e de interações midiáticas que, volta e meia, algumas informações sobre sexo, sexualidade e corpo são comuns de encontrar.

Ao questionar os estudantes se os familiares consideram as informações sobre sexualidade e sexo em suas conversas, a maioria respondeu que os familiares pouco trazem essas discussões ou são ignorantes quanto a sexualidade e o sexo. Segundo Arpini (2013), raramente as famílias conseguem tratar desse assunto com os filhos de forma direta, direcionada para as vivências. Em geral, os assuntos são abordados indiretamente. Independente disso, os estudantes mencionaram que julgam importante que os familiares sejam os agentes iniciadores das discussões sobre sexo e sexualidade, orientação sexual e conscientização da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, devendo, portanto, cumprir o papel educativo na vida dos jovens e dos adolescentes.

5 A DINÂMICA “A VISITA DO E.T.” E A “CAIXINHA MÁGICA”

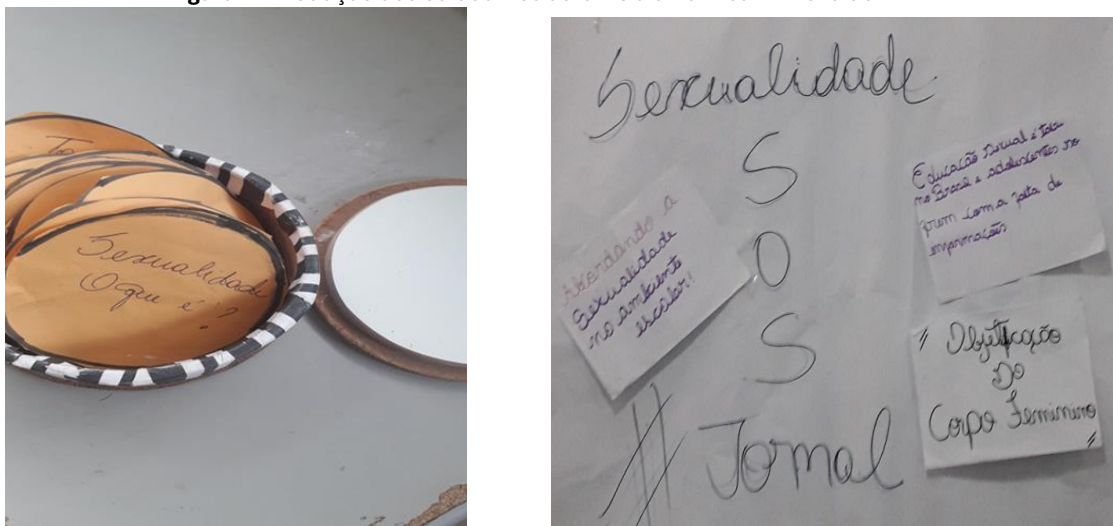
A realização da dinâmica “A visita do ET” teve como objetivo levantar questionamentos relativos à sexualidade, desvinculados de um contexto sociocultural (vide Quadro 1 na Metodologia). A realização desta dinâmica, para além de práticas que geram vergonhas e exposição dos estudantes, significa uma oportunidade de ações para que cada um possa desenvolver-se, descobrir-se, imaginar-se, exercitar-se e inventar-se, além de conferir habilidades para o despertar e conhecer as questões inerentes à sexualidade, ao corpo e ao bem estar social. Nesses sentido, Pilon (1987, p. 348) afirma que:



desenvolver relações humanas com base em dinâmica de grupo significa criar um espaço psicossocial alternativo, em que desconfi-anças, temores e conflitos possam ser aceitos e trabalhados, mediante experiências reconstrutivas, em termos de tarefas e processos que minimizem as ameaças ao ego e desenvolvam formas de interação compatíveis com uma ampliação quantitativa e qualitativa de cognições, afetos e condutas.

Para a realização da dinâmica foram distribuídos uma folha de ofício em branco, pilotos e canetas para cada grupo (5 grupos com vários estudantes que são os E.Ts. e um estudante que representa o jornalista). Os jornalistas tinham por missão anotar nas folhas as dúvidas dos “extraterrestres” e também respondê-las. Neste movimento, após terminarem de escrever suas impressões, questionamentos e dúvidas, perguntamos aos alunos e alunas, que eram os “ETs” na Terra, se suas dúvidas foram respondidas pelos jornalistas. Na sequência, os alunos que eram os jornalistas, fixaram a matéria da reportagem criada por eles, segundo o que foi discutido com os alunos “ETs”, nas cartolinas que estavam presas à parede (Figura 2).

Figura 2 - Produção dos estudantes durante a dinâmica “A visita do E.T.”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como resultado da dinâmica, percebemos ainda mensagens estereotipadas sobre sexualidade, uma vez que representavam sexo, ato sexual e desejos com os mesmos significados. Ainda assim, essa atividade lúdica possibilitou a integração entre os alunos e os levou a perderem o medo de dialogar sobre tópicos antes sensíveis. Consequentemente, uma diversidade de questionamentos foram surgindo, os quais foram anotados e guardados em uma “Caixinha Mágica”, para serem esclarecidos e respondidos no debate geral com a turma.

Para a discussão geral com a turma no tocante aos questionamentos levantados pelos alunos “E.T.s”, utilizamos como ponto de partida o cartaz em que estava localizada as anotações feitas pelos alunos “jornalistas” de cada grupo. Uma aluna sugeriu também utilizarmos a “caixinha mágica” neste momento. Como combinado, a “Caixinha Mágica” continha as fichas dos estudantes com as questões que queriam debater ao longo da conversação.

Neste momento, a “Caixinha Mágica” foi passando pela sala e os alunos liam as questões, falando de suas impressões em torno do tema sexualidade. Assim, foi possível discutir entre todos, desde os mais tímidos, que também resolveram interagir com os demais colegas da turma.

Para a primeira questão, “o que é sexualidade?”, foi possível perceber a associação que faziam ao sexo, corpo ou ato sexual. Logo após, foram surgindo questões espontâneas por parte dos estudantes em torno do tema. Uma aluna perguntou: “porque os professores não tiram nossas dúvidas e, às vezes, desviam da conversa e retornam para reprodução sexual ou gravidez?”, “Será que é porque são os homens que ensinam biologia na maioria das vezes?”. A pergunta realizada pela aluna deixou claro a existência de insegurança dos docentes no que se refere à discussão sobre sexualidade em sala de aula e que o evento não está vinculado ao gênero do docente, mas sim à sua familiaridade com a temática. Assim, foi explicado para a turma que a discussão sobre sexualidade pode ser realizada como conteúdo transversal em qualquer componente curricular, pois este é um tema interdisciplinar, sobretudo no campo filosófico e que abrange aspectos sociais, históricos, políticos, culturais, enfim, educacionais.

6 OS DESAFIOS DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLA

Para finalizar a atividade, solicitamos aos alunos a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo a partir do material de apoio elaborado em sala de aula e com base nos conhecimentos erigidos ao longo das discussões. O tema para o desenvolvimento do texto foi: “Os desafios da sexualidade na adolescência no âmbito escolar”. Os estudantes deveriam apresentar, ao final do texto, uma proposta de intervenção social que respeitasse os direitos humanos.



Observamos que os textos dos alunos traziam ideias sobre como a temática deveria ser abordada em sala de aula e argumentos sobre a importância de “capacitar” os professores e o corpo da escola (Quadro 4).

Quadro 4 - Partes dos textos elaborados pelos estudantes

Em meu entendimento sexualidade ela faz parte da personalidade de cada um, ela está presente também desde quando nascemos até a nossa morte, o que irá acontecer é que a sexualidade humana pode se transformar ao longo dos anos. Por isso deve ser feitas oficinas sobre sexualidade nas escolas, a partir das dúvidas apresentadas pelos adolescentes na sala.

Dada a série de informações conflitantes sobre sexo que nossos jovens continuam enfrentando, a escola precisa ser um espaço de reflexão e formação de valores, oferecer oportunidades, experiências e investimentos para tais discussões, e fornecer hipóteses de defesa e reflexão sobre nossos jovens. Porém, sabemos que para isso é importante que nossos educadores entendam a situação, e que permitam uma atuação permanente no ambiente escolar para cultivar a sensibilidade, promover a socialização da vivência escolar e aprender a enriquecer esse trabalho, ser capaz de se comprometer com ações educativas e escolares.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A inquietação principal desses estudantes diz respeito ao ambiente tradicional de ensino, que acaba por não aprofundar as discussões sobre sexo e sexualidade. A maioria dos alunos apresenta a compreensão de que a sexualidade só pode ser “vista” nas áreas de Ciências e Biologia. No entanto, outros estudantes sugerem que a intervenção realizada pelo docente em sala de aula deve estar associada de forma inter-relacional aos mais variados conteúdos, como, por exemplo, o tema ter sido usado durante a aula de Filosofia para a discussão da temática: “O belo e a estética na Filosofia e nas reflexões sobre aspectos pontuais de nossas estéticas da sexualidade no cotidiano e ambiente escolar”, alinhando transversalmente as discussões sobre estética e a beleza ao conteúdo sexualidade.

Outrossim, observamos a preocupação de outra aluna ao mencionar que: “A maioria dos professores que já tive demonstram muita vergonha e desinteresse em tratar desse assunto e quando são obrigados, falam de forma rasa.” Essa fala da aluna afirma a insegurança dos professores que, às vezes, têm medo dos questionamentos que surgem nos cotidianos escolares. Outro aluno, em seu texto, corrobora a afirmação, ao dizer que: “O professor se sente aliviado quando é interrompido, por muitas vezes ter pessoas presentes em sala de aula que não tem maturidade suficiente para debater o tema”.

Segundo Oliveira (2018, p. 15), no que se refere à prática do docente, “[.] durante o exercício do seu trabalho, as questões relacionadas à sexualidade têm trazido inúmeras

dificuldades, problemas e desafios para os educadores [...]”. Desse modo, os alunos percebem que os professores direcionam suas aulas a discussões sobre aspectos fisiológicos e reprodução sexual, e que isso fica a cargo somente de docentes das disciplinas de Ciências e Biologia.

Em outro texto, um dos alunos apresentou concepções sobre sexualidade. Em uns dos trechos diz que sexualidade é “É a satisfação da necessidade e o desejo sexual”, afirmando, ainda: “Sei que a escola não vai ensinar sexo, mas vejo sexualidade como um incentivo para fazermos sexo prematuramente”. Essa forma estereotipada de compreensão nos levanta uma preocupação de como o tema é frequentemente interpretado de forma equivocada.

Outras formas de concepções estereotipadas surgiram nos textos dos alunos caracterizados por relações com a família. Em um dos trechos uma aluna diz: “Na minha casa sempre ouvi que sexualidade é uma busca de prazer, sentimentos sendo compartilhados ou uma atração sexual”. Argumenta ainda, que: “a família fala de forma totalmente oposta do que realmente é, do assunto em sala de aula”.

De maneira geral, os estudantes que participaram desta pesquisa, foram se envolvendo e tirando suas dúvidas. Descreveram a sexualidade usando termos com um pensamento ingênuo, engessado e arcaico sobre o sexo. Inferimos, nesse sentido, que essa visão foi construída no contexto sociocultural em que os estudantes estão inseridos e que interferem no seu comportamento social.

Nesse sentido, é possível depreender que a superficialidade e distorção do conhecimento sobre sexualidade entre os estudantes era generalizada. De acordo com Almeida (2008, p. 40) “a sexualidade é muito mais ampla, que antes de trabalhar o assunto é necessário que o indivíduo se conheça por inteiro, reconheça seus anseios e desejos, percorra seu corpo e sua mente em busca de um autoconhecimento pleno”.

Poersch, Kliemann e Lima (2015) asseguram que os adolescentes constroem os seus conhecimentos sobre sexualidade com a vivência na família, sociedade e âmbito escolar. Assim, Bretãs e Jardim (2006, p. 158) dizem que as fontes midiáticas como “a televisão, o rádio e a Internet têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações, em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade”. Entretanto, os estudantes passam grande parte do seu tempo na escola, tornando-a, assim, um ambiente favorável para discussão sobre sexualidade. Menin, Pimentel e Gagliotto (2017, p. 6) explicitam que:



É principalmente no espaço escolar que os adolescentes entram em contato com outros pares e começam as mudanças biológicas, psicológicas, sociais e políticas no seu desenvolvimento, as quais trazem interrogações que precisam ser trabalhadas e respondidas para obter o conhecimento.

Os autores trazem à tona a reflexão de que, também no espaço escolar, as discussões sobre sexualidade devem ser realizadas de forma a evitar as concepções estereotipadas que são criadas pelos alunos e pela sociedade. Logo, o professor precisa estar preparado para a discussão e se tornar um agente de informações no contexto da educação e orientação sexual, ou seja, “[...] é necessário que haja formação sobre sexualidade” (POERSCH; KLIEMANN; LIMA, 2015, p. 39).

Sobre o âmbito familiar, um estudante afirma em seu texto que “Famílias podem sentir-se despreparadas para atender as exigências dos filhos por sentirem-se incapazes intelectual e emocionalmente para orientar, conduzir, informar e direcioná-los sobre sexualidade”. Esses conflitos na família podem formar concepções equivocadas de sexo e sexualidade, formando estereótipos que se tornam verdadeiros para os alunos (ALMEIDA, 2018). Muitas vezes, os familiares se retraem por achar a tarefa difícil e pensar que assuntos como sexualidade podem desencadear o início da vida sexual precoce em seus filhos (POERSCH; KLIEMANN; LIMA, 2015). Assim, a sexualidade ganhou uma conotação de algo proibido, ficando claro que no debate é, muitas vezes, tratada como algo proibitivo. Algumas famílias atribuem, ainda, essa prerrogativa para as escolas, afirmando que esse papel é do professor e da escola. Inferimos, nesse sentido, que concepções estereotipadas da sexualidade podem iniciar-se na família e no âmbito escolar, sendo complementada por influência midiáticas e de amigos, perfazendo rótulos.

Dessa forma, a escola como espaço aberto para as discussões, é um campo em que surgem também as concepções de gêneros atreladas à de sexualidade, gerando polêmicas para aceitação em sala de aula. Um aluno participante da pesquisa escreveu que a sexualidade da mulher é chamar a “atenção e se colocar como objeto”. Sua fala apresenta um discurso machista e estereotipado sobre a mulher e sua objetificação, colocando-a em um lugar de inferioridade na sociedade patriarcal. Já outra estudante diz que:

[...] falar sobre esse assunto ajuda os adolescentes a entender sobre o seu gênero. Isso vai fazer com que eles se sintam mais livre e confortável em falar desse assunto, pois

muitos deles não tem essa liberdade de falar desse assunto com a sua família, muito das vezes porque os pais não se sentem à vontade em falar sobre, e também não sabe realmente o que é sexualidade.

Diante das concepções estereotipadas dos estudantes, ainda há desentendimento sobre gênero, seja por insegurança dos professores e também por parte dos estudantes, que leva a discussões preconceituosas, sem fundamento de conhecimento e até medo de argumentar. Posto isto, compreendemos que há uma deturpação na compreensão do conceito de gênero nas escolas, o que faz crescer um panorama de medo dos docentes para abordar o tema sexualidade e gênero (MANCHINI; JACINTO; DESIDÉRIO, 2020, p. 1790). Consideramos, nesse sentido, que para manutenção das discussões sobre sexualidade no ambiente escolar, é necessária a construção participativa com a comunidade, professores e agentes da saúde, com linguagem de fácil compreensão para que evitem essas concepções estereotipadas por parte dos estudantes (SOUZA et al., 2017).

Todo esse contexto demonstra a insegurança dos estudantes e o medo de falar no meio familiar e escolar, em que buscam o refúgio nos professores para ajudá-los a ter essa liberdade de dialogar. Não existe nenhuma novidade quando falamos que o ensino escolar é completamente fundamentado na *heterocisnormatividade*. Essa problemática propicia uma exclusão no âmbito socioeducacional juvenil, que impede a discussão mais representativa e abrangente da sexualidade em sua propriedade multifacetária, compondo mais um fator para a temática em discussão.

Além disso, o atual documento da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) se omite quando não se refere ao ensino permeado por discussões acerca das questões de gênero e sexualidade nas escolas. Essas lacunas favorecem que o ensino de sexualidade e gênero no cotidiano escolar, esteja baseado não apenas nos aspectos biológicos, mas também no corpo, gestos, emoções, mudanças mentais e reações que buscam respostas para toda essa transformação. Logo, concordamos que o ensino sobre sexualidade é essencial para os estudantes.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de sexualidade entre os estudantes-participantes desta pesquisa são generalizadas e ingênuas, assim como estão pautadas somente nos aspectos biológicos, fisiológicos, no ato sexual e sexo. Percebemos que os entendimentos sobre gênero e de outros conhecimentos que discorrem da sexualidade, são postulados por influência de amigos, família, religião e a mídia, sempre voltando-se ao órgão sexual reprodutor. Neste sentido, apresentaram em seus discursos que a sexualidade é uma concepção biologicamente reprodutiva com inúmeros problemas, idealizando estereótipos na vida estudantil.

Nesta pesquisa, concebemos em uma das etapas de significação, a retribuição que oportunizou discussões, debates e reflexões relativos à sexualidade, proporcionando uma transformação no processo de ensino aprendizagem dos estudantes, dentre outros aspectos que são discutidos no âmbito social, cultural, antropológico, político e científico sobre a sexualidade, o corpo e os atos sexuais. Tal ação possibilitou a desmistificação das leituras únicas, patriarcais, coloniais e *cisheteronormativas*.

Diante do exposto, depreendemos a relevância desta pesquisa como espaço de novos saberes para professores sempre em formação, uma vez que nos permite praticar nossos conhecimentos, bem como realizar uma retroalimentação curricular, pedagógica, metodológica, didática e avaliativa no e do Ensino de Ciências enquanto área que perpassa pelas discussões de gênero e sexualidades, muitas vezes silenciadas em seus processos educativos.

Desse modo, ao entrarmos em contato com a sala de aula propriamente dita, como professores, nos deparamos com uma realidade que nos preocupa, pois concepções neoconservadoras foram encontradas, no que diz respeito à sexualidade dos jovens e adolescentes. Tal preocupação necessita de um olhar crítico na formação docente e, sobretudo, no currículo escolar fragilizado, tanto pela ausência de disciplinas na formação docente quanto pelas metodologias estáticas e suas diversas facetas na sexualidade e educação.

Ao longo da pesquisa realizada, constatamos uma problemática que merece atenção no tocante à falta de estímulos e conhecimentos oferecidos aos estudantes sobre a sexualidade e concepções de sexualidade. Como apontamos anteriormente, a maioria dos estudantes

demonstraram questionamentos superficiais sobre sexualidade que atrapalham suas representações sobre o tema.

No decorrer do estudo, constatamos alguns fatores imprescindíveis na ação docente, enquanto mediadores do conhecimento, que necessitamos nos desprender. Foi evidente que sexualidade está no cotidiano escolar e na formação social do estudante, por isso a necessidade de uma retroalimentação e atualização dos currículos para que possamos lidar com os contextos de orientação e reprodução sexual, as concepções fisiológicas do corpo, as possibilidades de leitura dos corpos sócio-culturalmente construídos, as temáticas da gravidez, bem como elucidar as dúvidas sobre as infecções sexualmente transmissíveis, etc.

Em suma, o espaço escolar deveria ser lugar de liberdade, da construção e do pensamento reflexivo em relação à sexualidade e demais discussões que dela decorrem. Percebemos que o professor precisa conjecturar criticamente as concepções estereotipadas da sexualidade dos estudantes, que os discursos e debates em sala possam desfazer os preconceitos que são construídos nas esferas de controle do ser humano – família, religião, estado, internet, redes sociais e que interferem no âmbito escolar. Constatamos que medidas devem ser efetivadas para que haja trabalhos interdisciplinares com diferentes profissionais de diferentes áreas de conhecimentos, e que os cursos de formação docente – inicial e continuada – possam reelaborar estratégias didáticas, metodológicas, avaliativas, curriculares para que tenhamos profissionais da educação, sobretudo docentes, com conhecimentos para trabalhar com as temáticas que emergem da sexualidade humana.

Em última análise, averiguamos que nosso trabalho proposto nestas turmas, em menor escala, foi prazeroso e transformador para desconstruir as concepções superficiais de sexualidade desses estudantes. Destarte, o ambiente escolar necessita renovar o incentivo para essa sensibilização na temática “sexualidade”, ressignificando esses saberes, ampliando o processo de inclusão e transversalidade em outras disciplinas para uma melhor efetivação do tema e compreensão.

Temos noção que as análises empreendidas no decorrer desta pesquisa são cabíveis de outras leituras, outras interpretações, o que poderá ocorrer em outros trabalhos que provirão deste. O debate aqui proposto, sobretudo a partir das concepções dos estudantes, nas conversas sobre sexualidade no ambiente escolar, propiciam e reforçam o convite para



(re)pensar a (nossa) docência na Educação Básica, bem como no Ensino Superior, uma vez que são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; **A enfermeira no contexto da educação sexual dos adolescentes e o olhar da família**. 2008.105 f. Tese (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2008.

ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izauro Santiago da; DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade na escola**. Salvador: Superintendência de Educação a Distância, 2018. 64 p.

ARPINI, Dorian Mônica; SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, Minas Gerais, v. 43, n. 150, p. 924-947, set./dez. 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**., LBD. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Dinâmica: A visita do E.T. In: **Manual do multiplicador: adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde. 2000.

CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos Henrique Lucas; CASTRO, Amanda Motta. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. **Colloquium Humanarum**. v. 16, n. 3, p. 5–16, 2019.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; LIMA, Rafaela dos Santos; Bortolai, Michele Marcelo da Silva. (Re)pensando o novo normal após a pandemia da Covid-19: a realidade dos licenciandos em Química de uma instituição de ensino superior da Bahia. **Olhar de Professor**, v. 23, p. 1-6, 2020.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A Pesquisa em Educação: questões e desafios. **Vertentes** (São João Del-Rei), v. 1, p. 28-37, 2007.

JARDIN, Dulcilene Pereira; BRETÂS, José Roberto da Silva; Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira. **Revista Pesquisa Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 157-162. mar/abr. 2006.

LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANCHINI, Isabela; JACINTO, Jéssica da Costa; DESIDÉRIO, Ricardo. A sexualidade silenciada no ambiente escolar e as contribuições da série Sex Education. **RPGE-Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n.esp. 3, p. 1780-1792, dez. 2020.

MENIN, Franciéle Trichez; PIMENTEL, Gisele Arendt; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. Sexualidade e adolescência: suas abrangências no ambiente escolar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, São Paulo. **Anais...São Paulo, UNIOESTE**. p. 1-16. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3153.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2008, p. 205-212. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/BJ3BDnLmv6mdcKGvgyGSWt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

OLIVEIRA, Luana Maria. **Sexualidade: uma proposta metodológica para formação inicial de professores de ciências naturais**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32607/1/2018_LuanaMariaOliveira.pdf. Acesso em 18 out. 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Tsunami Conservador e Resistência: a CONAPE em defesa da educação pública. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, p. e84868, 2019.

PILON, André Francisco. Relações humanas com base em dinâmica de grupo em uma instituição de prestação de serviços. **Revista Saúde pública**, São Paulo, n. 21, v. 4, p. 348-353, 1987. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/q4NL5vS3PnHQHDF3qQtB5GB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2021.

POERSCH, Kelly Mayara; KLIEMANN, Bruna Caroline Kotz; TOBALDINI, Bárbara Grace; Reflexões sobre o trabalho com sexualidade no ensino fundamental: desafios e possibilidades. **Ensino, Saúde e Ambiente**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 37-49, 2015.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.



SILVA, Karla Firmino da. **Pedagogia da sexualidade: o papel do professor: a (des)construção de estereótipos na educação.** 2016. 36 f. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4317/1/KFS22112016.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Maria de Fatima da Rocha. **Gênero e sexualidade: práticas pedagógicas.** 2014. 43 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual de Paraíba, 2014. Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6675/1/PDF%20%20Maria%20de%20F%20C%20A1tima%20da%20Rocha%20Silva.pdf>. Acesso em 10 jul 2021.

SOUZA, Oliveira de Cristtyny Jessica. **Gênero e sexualidade sob a perspectiva de docentes de biologia da rede estadual do município de aparecida de Goiânia.** 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8448/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20J%C3%A9ssica%20Cristtyny%20Oliveira%20de%20Sousa%20-%202018.pdf>. Acesso em 18 out. 2021.

COMO CITAR - ABNT

FONTES, Mônica Santana; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. “Satisfação, necessidade e desejo”: conversas com corpos desejantes sobre sexualidade na educação em ciências. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 17, n. 31, e22001, jan./jul., 2022. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v17.n31.3635>

COMO CITAR - APA

Fontes, M. S., Dutra-Pereira, F. K., Bortolai, M. (2022). “Satisfação, necessidade e desejo”: conversas com corpos desejantes sobre sexualidade na educação em ciências. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 17(31), e22001. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v17.n31.3635>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 18 de fevereiro de 2022.

Aprovado: 16 de junho de 2022.

Publicado: 30 de julho de 2022.